

ACOLHER PARA PERTENCER: MINHA CAMINHADA NO PROJETO ACOLHIDA MATEMÁTICA (NOTURNO) DA UFPEL

HELENIZE CALDERIPE VELEDA DA SILVA¹; PATRÍCIA DA CONCEIÇÃO FANTINEL²

¹ Universidade Federal de Pelotas – nizecalderipe@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – patifantinel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A transição do ensino médio para a vida universitária representa um período de significativas transformações e desafios para os estudantes ingressantes. Essa fase é marcada não apenas pela mudança no nível de complexidade acadêmica, mas também pela necessidade de adaptação a um novo ambiente social, à gestão autônoma do tempo e, muitas vezes, a distâncias geográficas e realidades socioeconômicas desafiadoras. Tais fatores, quando não acompanhados de um suporte adequado, podem culminar em sentimentos de não pertencimento, desmotivação e, em casos extremos, na evasão do curso superior (ROSÁRIO, NÚÑEZ e GONZÁLEZ-PIENDA, 2006; TEIXEIRA, 2008; QUEIROGA, et al., 2020).

Nesse contexto, projetos de acolhimento acadêmico surgem como estratégias fundamentais para facilitar a integração do discente à sua nova realidade institucional, promovendo desde o primeiro contato um sentimento de pertencimento e oferecendo ferramentas concretas para o seu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Essas iniciativas visam não apenas apresentar a estrutura física e administrativa da universidade, mas também criar redes de apoio entre veteranos e calouros, aproximar professores e discentes e dissipar ansiedades inerentes ao início da jornada universitária.

O Projeto Acolhida Matemática (Noturno) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) insere-se nesse panorama como uma iniciativa institucionalizada de resistência à evasão e de promoção da permanência. Destinado especificamente aos alunos do curso noturno de Licenciatura em Matemática, que frequentemente conciliam a vida acadêmica com compromissos de trabalho e familiares, o projeto busca minimizar as dificuldades peculiares dos ingressantes por meio de um conjunto de ações planejadas de integração e suporte (QUEIROGA, et al., 2020; CENTENO, et al., 2020).

Essa missão de integração e suporte se reflete não apenas nas ações práticas, mas também na própria identidade visual do projeto. Conforme ilustrado na Figura 1, a logo com mãos entrelaçadas em diferentes tons de pele simboliza união, inclusão e solidariedade, reforçando a importância do trabalho coletivo para o crescimento individual e acadêmico.

A tipografia escolhida transmite proximidade e acessibilidade, enquanto a palavra “Noturno”, em destaque discreto, identifica o turno em que o projeto acontece, valorizando sua especificidade. Dessa forma, a identidade visual é a primeira manifestação de um princípio que guia toda a iniciativa: a de ser mais do que um apoio ao estudo da Matemática, constituindo-se, na prática, como um espaço de convivência e fortalecimento de vínculos, onde o aprendizado se constrói a partir da acolhida, da empatia e da colaboração entre todos.

Figura 1: Logo do Projeto



Fonte: Arquivo do Projeto

Foi justamente nesse espírito de construir uma comunidade inclusiva que um dos aprendizados mais marcantes da trajetória recente do projeto ocorreu. Durante a sétima edição, a entrada de um discente com paralisia cerebral demandou da equipe não apenas a adaptação das atividades para garantir plena acessibilidade e inclusão, mas também uma profunda reflexão sobre o verdadeiro significado de acolher. A experiência serviu como um poderoso catalisador para repensar práticas, assegurando que o ambiente universitário seja, de fato, um espaço para todos, onde as diferenças são reconhecidas e valorizadas como parte constituinte da comunidade acadêmica.

Neste trabalho, proponho-me a compartilhar a vivência e os aprendizados adquiridos ao longo de minha participação no referido projeto, da qual faço parte desde sua segunda edição e da qual atualmente sou bolsista. Testemunhando sua evolução até a sétima edição atual, pude vivenciar não apenas a adaptação das estratégias de acolhimento (especialmente durante o período desafiador de pandemia e ensino remoto), mas também o impacto transformador que um acompanhamento orientado e empático pode ter na trajetória de um ingressante. A partir do relato sobre as diferentes ações ao longo das edições, busca-se refletir sobre os eixos de acolher, integrar e acompanhar como pilares para a construção de uma comunidade acadêmica mais acolhedora, resiliente, inclusiva e comprometida com o sucesso de todos os seus integrantes.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Ao longo das sete edições do Projeto Acolhida Matemática (Noturno), pude acompanhar uma verdadeira trajetória de crescimento coletivo e também pessoal. Cada ano trouxe desafios próprios e a oportunidade de construir novas formas de acolher os ingressantes. A Figura 1 ilustra o logo do projeto em que

Na 2ª edição (2019–2021), vivenciei o contato direto com os calouros durante as matrículas e na recepção oficial dos Bixos. Tivemos também oficinas sobre autorregulação, palestras, rodas de conversa com professores e orientações práticas sobre o sistema acadêmico (Cobalto e e-Aula). Foi um momento de muito aprendizado, principalmente porque representou meu primeiro contato com o papel de acolher dentro da universidade. Esta edição, que contou com uma semana de acolhimento presencial antes do início abrupto da pandemia, marcou o meu ingresso na equipe do projeto, dando início a uma jornada de sete edições de aprendizado e dedicação.

Já a 3ª edição (2021–2022) coincidiu com o período da pandemia, o que exigiu adaptação. Organizamos a *Semana Fundamentos Matemáticos* e a *Semana de*

Acolhimento Virtual aos Bixos 2021, além de vídeos tutoriais e do suporte online. Também promovemos a ação *Você Turbinando seus Conhecimentos*, ajudando os alunos a reforçar sua base acadêmica. Essa edição mostrou o quanto o acolhimento virtual pode amenizar a solidão e fortalecer vínculos mesmo a distância.

Na 4ª edição (2022), retomamos os encontros presenciais com a *Semana de Acolhimento aos Bixos 2022*. Esse reencontro foi significativo, pois permitiu novamente o contato olho no olho, fortalecendo os laços e trazendo um calor humano que o período remoto havia limitado.

A 5ª edição (2023) deu continuidade a essas práticas, com palestras, rodas de conversa e aproximação entre calouros, veteranos e professores. Foi um período de consolidação, no qual a experiência acumulada dos anos anteriores ajudou a tornar o acolhimento ainda mais organizado e eficaz.

Na 6ª edição (2024), embora com menor carga horária, a *Semana de Acolhimento 2024* manteve a essência do projeto, reafirmando que o mais importante não é a quantidade de atividades, mas sim a qualidade das interações e do suporte oferecido.

Por fim, a 7ª edição (2025–2026), em andamento, trouxe inovação com a ação *Conexões Que Somam*, que está aproximando ainda mais calouros, veteranos e professores. O atendimento de dúvidas online tem se mostrado fundamental, garantindo que os ingressantes se sintam amparados em suas necessidades acadêmicas e emocionais.

Um dos pontos mais significativos dessa 7ª edição foi o desafio da inclusão com a chegada de um estudante ingressante com paralisia cerebral, cuja mobilidade é reduzida e que tem dificuldades na fala. Desde o primeiro contato, realizado por telefone e WhatsApp, percebi a importância de construir uma rede de apoio sólida, já que ele vinha de outra cidade e precisava sentir-se amparado. A universidade disponibilizou uma bolsa para que um colega o acompanhasse nas duas disciplinas do semestre, pensadas como período de adaptação tanto para ele quanto para nós, comunidade acadêmica, que vivenciamos nosso primeiro caso de inclusão com essas características. Tive a oportunidade de estar ao lado dele como amiga e apoiadora, auxiliando em suas demandas práticas, mantendo contato semanal e aprendendo a ouvir e compreender sua comunicação, mesmo diante das dificuldades na fala. Esse processo revelou-se desafiador, mas também profundamente enriquecedor, pois nos levou a repensar práticas de acolhimento, a exercitar a paciência e a perceber que a inclusão exige sensibilidade, criatividade e compromisso contínuo.

Cada edição, à sua maneira, deixou marcas. O que se manteve constante foi o esforço coletivo em criar um espaço de acolhimento genuíno, que vai além de informações práticas: é um convite ao pertencimento, ao cuidado e à construção de uma comunidade acadêmica solidária.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar do Projeto Acolhida Matemática (Noturno) foi uma experiência que marcou profundamente não apenas os estudantes ingressantes, mas também a minha própria trajetória acadêmica e pessoal. Ao longo das edições, percebi, na prática, que acolher não se resume a apresentar informações ou orientar sobre procedimentos: acolher é estar presente, ouvir, estender a mão e mostrar ao outro que ele não está sozinho no início desse novo caminho.

Para mim, esse projeto foi uma verdadeira escola de vida. Aprendi a me organizar melhor, a comunicar-me de forma mais empática e a valorizar o poder de uma rede de apoio. O episódio vivido com o estudante com paralisia cerebral foi especialmente transformador, pois me fez compreender, de forma muito concreta, que a inclusão só é real quando reconhecemos e respeitamos as singularidades de cada pessoa. Esse momento me ensinou que acolher exige sensibilidade, abertura e, sobretudo, compromisso com a construção de um espaço que seja, de fato, para todos.

No coletivo, pude testemunhar o quanto essas ações fazem diferença na vida dos calouros. Ver a aproximação entre veteranos, professores e novos alunos, perceber as inseguranças sendo substituídas por vínculos de amizade e confiança, e sentir o ambiente se tornando mais leve e colaborativo reforçou em mim a certeza de que a universidade precisa ser, acima de tudo, um lugar de cuidado e partilha.

Assim, posso afirmar que o Projeto Acolhida Matemática (Noturno) não apenas combate a evasão e fortalece a permanência, mas também cria laços e memórias que acompanham todos que dele participam. Para mim, mais do que uma atividade acadêmica, essa experiência foi um processo de crescimento humano e profissional que levarei comigo para a vida. Tenho a convicção de que ela repercutirá diretamente na minha futura prática como professora, inspirando-me a cultivar sempre um olhar atento, sensível e inclusivo.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENTENO, E. H.; BITTENCOURT, J. C.; SILVA, H. C. V.; FANTINEL, P. C. Acolhida Matemática (Noturno) 2020: conectando o ingressante com o ambiente universitário. In: ENCONTRO GAÚCHO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 14., 2021, Pelotas (Virtual). Anais eletrônicos... Pelotas: UFPel, 2021. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/egem2021/anais/>. Acesso em 04 ago. 2020.

QUEIROGA, R. M.; FERREIRA, D. P.; RIBEIRO, F. F.; SILVA, G. O.; CARVALHO; J. B.; FANTINEL, P. C. Projeto Acolhida Matemática Noturno UFPel: acolher, integrar e acompanhar o ingressante na adaptação à vida acadêmica. In: VI Congresso de Ensino de Graduação da UFPel - VI Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPel, 2020, Pelotas. Anais do VI CEG, 2020.

ROSÁRIO, P.; NÚÑEZ, J.; GONZÁLEZ-PIENDA, J. Comprometer-se com o Estudar na Universidade: cartas do Gervásio ao seu umbigo. Coimbra: Edições Almedina, S.A, 2006.

TEIXEIRA, M. A. P.; et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. Psicol. Esc. Educ. (Impr.), Campinas, v. 12, n. 1, p. 185-202, Jun 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pee/a/vH9zX7jBvg8f8YxqBDqYyqH/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 04 ago. 2020.